**Ciência em ação**

*Thiago Azanha*

*Aulas de robótica, comuns no ensino superior, passam a fazer parte da grade curricular das escolas; objetivo é despertar em crianças e jovens o gosto pela ciência e incentivar neles o empreendedorismo*

O ensino da robótica desperta a curiosidade para a área da ciência e tecnologia.

Como interesse não tem idade, não é mais preciso esperar até a universidade para aprender a fazer robôs.

Hoje, muitas escolas dão aulas de robótica para crianças a partir dos 9 anos. No colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida (zona oeste de SP), os alunos têm aula de aventuras robóticas.

O objetivo, diz a escola, é desenvolver neles liderança e empreendedorismo. O professor Fernando Fontes explica sua metodologia: os alunos são divididos em grupos de três; a cada aula, eles têm uma missão. Há sempre um líder, um construtor e um programador.

"A missão de hoje é se adaptar a situações problemáticas para não ficar desesperado", diz Guilherme Pessoto, 10, o programador do dia, ao tentar montar um robô de pequenas dimensões.

Em sua equipe, Lucas Terui, 10, o construtor, diz que gosta de resolver problemas sozinho, sem o professor. Para alunos um pouquinho mais velhos, do 6º ao 9º ano de duas escolas públicas de sua região, a UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora) desenvolve um treinamento para a olimpíada de robótica que a instituição promove para os ensinos fundamental e médio.

Segundo André Marcato, coordenador do curso de engenharia elétrica da UFJF e responsável pelo Projeto de Popularização de Ciência e Tecnologia, a meta é aproximar os alunos de escolas públicas da universidade.

"Queremos despertar nos estudantes o interesse pela tecnologia", diz Marcato.

No programa, além de desenvolverem programação de computadores e robótica, os alunos aprendem conceitos básicos da engenharia eletrônica - como sensores de proximidade, luz e tato-e da mecânica - criar uma artefato do robô,por exemplo.

Já os graduandos dos cursos de engenharia da Escola Politécnica da USP continuam a se dedicar aos estudos com robôs na faculdade.

Mas, agora, os projetos têm mais complexidade. A equipe ThundeRatz, com mais de 20 membros, possui robôs que, somados, chegam ao valor de R$ 30 mil. Além da participação nas competições de robótica, desenvolvem projetos técnicos e científicos apenas com a ajuda de um orientador.

Os robôs Lenhador (R$ 20 mil), Hypnos (R$ 9.000) e Hockey (R$ 700) são os atuais objetos de trabalho dos futuros engenheiros. Os membros do ThundeRatz acreditam que a participação na equipe ajuda na busca de um emprego, uma vez que aliam a experiência como conhecimento técnico. Flavio Tonidandel, coordenador do departamento de ciência da computação da FEI (Fundação Educacional Inaciana), diz que o Brasil produz artigos, teses, mas desenvolve pouca tecnologia. "É como se fosse muita teoria e pouca prática."

**PERGUNTA DO LEITOR**

"Faço um MBA que minha chefe me ofereceu, ligado à atividade da empresa onde trabalho, ou faço mestrado em uma área sem correlação direta com a minha atuação atual?"

MARINA FRID, 24 (Rio de Janeiro)

A escolha da formação depende da orientação que damos para a carreira. Se você quer atuar como gestora de negócios, um MBA é uma ótima opção. Ainda mais se for feito em escola de primeira linha. Se for pago pela empresa, é sinal de que você é valorizada onde trabalha.

O mestrado é uma opção para quem quer se especializar em uma área, principalmente para quem quer ser pesquisador. Optar pelo MBA não a impede de fazer mestrado depois.

**Fonte: Folha de S.Paulo, São Paulo, 18 out. 2010, Cotidiano, p. C10.**